

OS MILITARES E A POLÍTICA DURANTE A REPÚBLICA

Parte XXXV

Prudente José de Moraes e Barros – Canudos

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES
Almirante-de-Esquadra (ReP²)

SUMÁRIO

A segunda expedição

A caminho de Canudos

O caminho escolhido

O segundo combate

Ata da Segunda expedição

Um acontecimento neólito

A retirada

Uma digressão antropológica

O caminho de volta nos bastidores da política

A terceira expedição

Moreira Cesar e a Terceira Expedição

Destino: Canudos

O nome Moreira Cesar

De Monte Santo a Canudos – O novo caminho

A bomba de poço artesiano

Canudos, enfim

A retirada

Anexo: Extratos do Relatório do Tenente

Azambuja

A SEGUNDA EXPEDIÇÃO

A retirada das tropas do Tenente Pires Ferreira após o encontro em Uauá,

quando mostrou superioridade no combate, teve o sabor de derrota, tal o estado lamentável em que os combatentes retornaram a Juazeiro.

O Governador, mal tomou notícia do desastre sofrido, precipitou-se em formar outro contingente; não se preocupou, sequer, em ouvir ou ler o relatório que Pires Ferreira teria que apresentar.

A 25 de novembro de 1896 – a 21 lutava-se ainda em Uauá –, seguiu para Queimadas, sob o comando do Major Febrônio de Brito, do 9º Batalhão de Infantaria, tropa composta de 100 praças, 8 oficiais do Exército e 3 oficiais e 100 soldados da Polícia Militar da Bahia. É fácil concluir sobre o improvisado com que foi “organizada” esta força. Planejamento e diretiva para um linha de conduta compatível com a situação inexistiram. Não houve tempo útil para tais “detalhes”. Nenhuma lição fora absorvida de Uauá.

Como pano de fundo, os desentendimentos entre o Governador Luiz Viana e o Comandante do Distrito, General Solon Ribeiro, e a politicalha oligárquica que comandava a disputa pelo poder no Estado.

“O governador Luiz Viana opunha-se à insistência com que o general Solon buscava a colaboração entre as forças estaduais e as federais. Possivelmente o governador temia que essa colaboração pudesse ser explorada pela oposição, desejosa de uma intervenção federal no Estado. Resentido com a resistência do Governador, o General transformou-se de amigo dedicado em crítico impiedoso. Quando Luiz Viana decidiu pedir a colaboração federal, já era tarde. As relações entre os dois haviam-se deteriorado, bloqueando qualquer entendimento.”¹

Quando se decide por essa linha de ação, do emprego das armas, deve-se utilizar de todos os meios

O federalismo exacerbado de Luiz Viana em muito se aproximava, por motivos diversos, ao de Júlio de Castilhos.

Todavia, desde o início dos desentendimentos, prevaleciam pontos de vista opostos em relação ao modo de enfrentar o Conselheiro. Para o Governador, tratava-se de questão sertaneja como tantas outras. Um caso para a polícia. Se solicitou cooperação foi porque tinha grande parte de sua força policial empenhada no combate à bandidagem no interior e mesmo em favor de seus correligionários, o que, naturalmente, omitia.

O General Solon, precavido, entendia de outro modo. As informações que possuía, exageradas ou não, levava-o a optar pelo emprego da tropa de linha, com maior efetivo e previamente preparada.

Tudo indica que Solon era movido por motivos de caráter militar. Não estava em suas cogitações o emprego da tropa federal com propósitos políticos. É verdade que a oposição política no Estado, chefiada pelo Barão de Geremoabo, e o ex-Governador José Gonçalves, desejosos e esperançosos com a intervenção federal, viam com bons olhos a presença do Exército na luta contra o Conselheiro.

Fiel ao seu pensamento, o General Solon tomou a iniciativa de apelar para o ministro da Guerra, requisitando, para aparelhar melhor a expedição, quatro metralhadoras Nordenfeldt, dois canhões Krupp de campanha e mais 250 soldados; 100 do 26º Batalhão de Aracajú e 150 do 33º de Alagoas.² O governador decidira, para

1 SAMPAIO, Consuelo Novais. *Canudos, cartas para o Barão*. Edusp. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP, 1999, p. 61.

2 CUNHA, Euclides. *Os Sertões* (campanha de Canudos). 22ª edição. Livraria Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1952, p. 211.

resolver o problema Conselheiro, pelo emprego das armas, e quando se decide por essa linha de ação, deve-se utilizar de todos os meios.

A expedição Pires Ferreira, ao contar com a participação, embora pequena, do Exército, tornara-se uma operação militar e não mais um caso de polícia. Após seu fracasso, não se justificava mais o otimismo de Luiz Viana, que parecia desconhecer o sertão da Bahia.

Para a segunda expedição, fora acrescida, em muito, a participação federal. Teria que conquistar a vitória. O fracasso não poderia ser aceito e redundaria no recrudescimento da luta. Todavia, a vitória havia sido pré-estabelecida pelo Governador, que afirmou “serem mais que suficientes as medidas tomadas para debelar e extinguir o grupo de fanáticos e não haver necessidade de reforçar a força federal para tal diligência, pois as medidas tomadas pelo comandante do distrito significavam mais prevenção que receio”; e adiantava “não ser tão numeroso o grupo de Antônio Conselheiro, indo pouco além de 500 homens, etc...”³

Replicou-lhe o General Solon não se tratar de diligência policial a fim de prender criminosos, “mas extirpar o moel de decomposição moral que se observava no arraial de Canudos, em manifesto desprestígio à autoridade e às instituições”, assim, “a força federal deveria seguir bastante forte para se subtrair à contingência de retiradas prejudiciais e indecorosas”⁴.

A divergência que se acirrava era um mal presságio para a expedição.

Comenta Euclides da Cunha: “O ambiente moral dos sertões favorecia o contá-

gio e o alastramento das neuroses. (...) a intervenção federal exprimia o significado superior dos próprios princípios federativos: era a colaboração dos Estados numa questão que interessava não já à Bahia, mas ao País inteiro.”⁵

A CAMINHO DE CANUDOS

A 28 de novembro de 1896 o Major Febrônio telegrafou ao Comandante do Distrito e disse do seu desejo de iniciar a marcha sobre Canudos. Perguntou sobre os reforços prometidos.

A 7 de dezembro toma a iniciativa de avançar com seus soldados para Cansação, a meio caminho entre Queimadas e Monte Santo. O General Solon discordou e ordenou o regresso para Queimadas. Febrônio argumentou: “Regressar Queimadas considero imprudência. Penso que o momento urge avançar Canudos. Demora tem prejudicado o indizível entusiasmo que tive felicidade manter a força”.⁶ A ordem é mantida mesmo com a discordância do governador. É bastante provável que o General já houvesse recebido o relatório do Tenente Pires Ferreira sobre os conselheiristas.

Foi enviado para Queimadas reforço de praças e designado o Coronel Pedro Nunes Tamarindo, do 9º Batalhão de Infantaria, para a direção geral da campanha e estabelecido o plano de “atacar a revolta por dois pontos, fazendo avançar para o objetivo único não uma, mas duas colunas”, a fim de “estabelecer antes de tudo um cerco à distância; bater os insurretos parceladamente e apertá-los em movimentos envolventes de forças pouco numerosas e adestradas.”⁷

3 lb, p. 219.

4 lb.

5 lb.

6 LIMA, Nélito Ronchini, Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-Ref^o). *Revista do Clube Naval* (RCN 305), p. 16.

7 CUNHA, Euclides. *Os Sertões* (campanha de Canudos). 22ª edição. Livraria Francisco Alves: Rio de Janeiro, 1952, p. 211.

Nada foi mencionado sobre o apoio logístico e sobre melhor caminho para atingir Canudos. Manter-se obediente, contido por indisciplina intelectual, a uma diretriz tão ampla, seria tarefa difícil para o comandante da expedição. O momento, como aconteceu, ditaria as atitudes que o Major Febrônio tomaria em combate. A vontade de marchar sobre Canudos determinou a imprevidência, que pagaria alto preço; a improvisação e a valentia do Comandante e seus subordinados não conseguiriam evitar a retirada.

A tropa, agora, com "548 soldados, 14 oficiais combatentes, três médicos", chegou à Monte Santo a **29 de dezembro de 1886**. A recepção aos soldados foi festiva, a vila engalanara-se, a despeito dos parques recuos que possuía. Afinal, fora precedida da propaganda oficial, que não colocara dúvida sobre o êxito da missão.

De 29 de dezembro a 12 de janeiro de 1887, a expedição permanecem, estacionada em Monte Santo, conseqüência da partida extemporânea de Queimadas, "onde deixara grande parte da munição, para não protelar por mais tempo a marcha..."⁸ Somente em Monte Santo o Major Febrônio tomou conhecimento da falta de meios de transporte. Porém nenhuma das dificuldades arrefeceu seu ânimo de guerreiro. Assim, determinou a imediata marcha sobre Canudos. A falta de munição, inclusive a

de boca, a ausência de transporte, a inexistência de ligação com a retaguarda, o monitoramento de suas forças pelos homens do Conselheiro, o que havia ocorrido com a Primeira Expedição, enfim, tudo o que devia ter sido pensado em Monte Santo, pareciam quesitos de menor importância.

Certo da vitória, iniciou a marcha "levando apenas a munição que as praças pudessem carregar nas patronas".⁹

O caminho escolhido

O desconhecimento do terreno deveria determinar um cuidadoso reconhecimento. Tal medida, certamente, por significar atrasos, não foi tomada

O desconhecimento do terreno deveria determinar um cuidadoso reconhecimento prévio que forneceria os elementos para a decisão sobre o caminho a ser escolhido para o deslocamento para Canudos. Tal medida, certamente, por significar atrasos, não foi tomada.

A preferência recaiu sobre a Estrada do Cambaio, em distância, a mais curta, como se este fator fosse o único que devesse ser levado em consideração. Entretanto, a menor distância não se traduziria, por si só, em percurso mais rápido. A vereda era enganadora, pois iniciava-se adornada "por terrenos férteis sombreados de cerradões que perfiguram verdadeiras matas".¹⁰ A paisagem acolhedora permanece por pouco tempo. "Transcorridos alguns quilômetros, porém, acidenta-se; perturba-se em trilhas pedregosas e torna-se menos praticável à medida que se avança (...)"¹¹

8 lb. p. 230.

9 lb. p. 231.

10 lb. p. 234.

11 lb.

Sem apoio logístico, inicia a marcha a Segunda Expedição. A campanha parece haver sido montada sobre uma única idéia: marchar sobre Canudos, assaltar o reduto e liquidar os sertanejos. Estes – o inimigo a combater – não foram levados em consideração. E já se haviam mostrado em Uauá.

“Tinha meio caminho andado. As estradas pioravam crivadas de veredas, serpeando em morros, alçando-se em rampas, caindo em grotões, desabrigadas, sem sombras...”¹²

O terreno constituiu-se em surpresa, mas nem por isso houve a preocupação de estabelecer uma linha de suprimentos com Monte Santo. A missão já havia sido determinada: atingir o mais rapidamente Canudos; ela não devia ser protelada. Os canhões constituíam-se em dificuldade extra para este mister, pois o caminho tinha que ser preparado para que progredissem. Mais de dois dias de marcha se haviam passado.

Se o Major Febrônio admitiu surpreender os conselheiristas, foi, no mínimo, ingênuo. Os homens do carismático místico estavam, como sempre, presentes por todo o imenso sertão. A longa permanência em Monte Santo fora suficiente para que os chefes guerrilheiros, por meio de seus informantes, conhecessem o poder da tropa, a maneira precária como tomaram destino e o caminho escolhido.

O inimigo começava a dar sinais: “restos de fogueiras à margem do caminho e vivendas incendiadas. Em Malungu, à noi-

te, eles se tornaram evidentes. (...) Os soldados dormiam em armas. **E no amanhecer de 17 de janeiro**, a expedição que se encravara nas montanhas, muito aquém ainda de seu objetivo, que podia ser atingido com três dias de marcha, começou a ser terrivelmente torturada.

Acabara-se a munição de boca. Foram abatidos os dois últimos bois para quinhentos e tantos combatentes. Isto valia por um combate perdido. A feição da luta agravava-se em plena marcha, antes de se dar um tiro. Prosseguir para Canudos, poucas léguas adiante, era quase a salvação. Era lutar pela vida.”¹³

O terreno constituiu-se em surpresa, mas nem por isso houve a preocupação de estabelecer uma linha de suprimentos com Monte Santo

*
* *

As serras do Comboio, baluartes naturais, constituir-se-iam no maior inimigo a enfrentar. A expedição a elas era apresentada à medida que avançava em sua marcha.

“Serras de pedra naturalmente sobrepostas formando fortalezas a redutos inexpugnáveis com tal perfeição que parecem obras de arte”¹⁴, descreve o Tenente-Coronel Durval de Aguiar.

O inimigo, conhecedor do terreno e por ele protegido, ainda não se mostrara. “Rentos com o chão, rebatidos nas dobras do terreno, entaliscados nas crostas – esparsos, imóveis, expectantes –, dedos presos aos gatilhos dos clavinotes, os sertanejos quedavam em silêncio tentando as pontarias, olhos fitos nas colunas ainda distintas, embaixo, marchando após os

12 lb. p. 235.

13 lb. p. 235 e 236.

14 lb. p. 237.

exploradores que esquadrihavam cautelosamente as cercanias.

Caminhavam vagarosamente. Atulhavam as primeiras ladeiras cortadas à meia encosta. Seguiam devagar, seus aprumo, empurradas pelos canhões onde se revezavam soldados ofegantes em auxílio aos muars impotentes à tração vingando aqueles declives".¹⁵

Nessas circunstâncias, os conselheiros surpreenderam a tropa. Encontravam-se a cavaleiro nas elevações. A luta, por parte dos expedicionários, teve por objetivo a conquista da montanha. Houve uma vacilação inicial. Até

compreensível. A vanguarda iniciou um re-
cuo. "Conteve-a, porém, uma voz imperiosa. O Major Febrônio rompeu pelas fileiras alarmadas e centralizou a resistência – em réplica fulminante e admirável, atentas às desvantajosas condições em que se realizou. Conteados rapidamente, os canhões bombardearam os matutos à queima-roupa, e estes, vendo pela primeira vez aquelas armas poderosas, debandaram, tontos, numa dispersão instantânea."¹⁶

A tropa não titubeou em explorar o êxito e galgar a montanha, enfrentando as dificuldades impostas pela natureza – o inimigo maior – com coragem e entusiasmo. De cima, em posição privilegiada, os sertanejos mantinham o fogo com suas armas insipientes, que não se constituíram em impedimento para os soldados que galgavam

as encostas, quando dispenderam muita energia e a pouca munição que possuíam.

A conquista da montanha culminou com o corpo-a-corpo; a coragem dos soldados fora decisiva e colocara os jagunços em fuga.

"Realizara-se a travessia; e tirante o dispêndio de munições, eram poucas as perdas – quatro mortos e vinte e tantos feridos. Em troca os sertanejos deixaram cento e quinze cadáveres, contados rigorosamente."¹⁷

O segundo combate

A três dias de marcha para Canudos, acabara-se a munição de boca. Foram abatidos os dois últimos bois para quinhentos e tantos combatentes. Isto valia por um combate

"As colunas chegaram à tarde em "Tabuleirinhos", quase à orla do arraial e não prosseguiram aproveitando o ímpeto da marcha perseguidora."¹⁸ Estavam debilitados, famintos e sedentos; faltavam-lhes as forças. Água, só a impura da lagoa próxima. Foram muito além do que des-

ses homens poderia ser esperado. Acamparam e ali passaram a noite. Os jagunços rondavam o acampamento.

Pela manhã deu-se o assalto. Não mais com suas precárias armas de fogo, mas "pelos varapaus, pelos fueiros dos carros, pelas foices, pelas forquilhas, pelas agulhadas longas e pelos facões de folha larga."¹⁹

Gritavam como em Uauá. Porém, a tropa, pronta para a marcha, replicou com fogo cerrado. Os sertanejos que sobreviviam aos

15 lb. p. 239.

16 lb.

17 lb. p. 242.

18 lb. p. 244.

19 lb. p. 245.

tiros continuavam a avançar e a luta transformou-se, novamente, em violento corpo-a-corpo. A tropa iniciou um recuo.

"Era o desastre iminente.

Avaliou-o o comandante expedicionário, que tudo indica ter sido o melhor soldado da própria expedição que dirigiu. Animou valentemente os companheiros atônitos e, dando-lhes o exemplo, precipitou-se contra o grupo. E a luta travou-se braço-a-braço, brutalmente, sem armas, a punhaladas, quase surda: um torvelinho de corpos enleados, de onde se difundiam estertores de estrangulados, ronquidos de peito ofegantes, baques de quedas violentas..."²⁰

Os conselheiristas recuavam, mas não desistiam. Não fugiam. Permaneciam próximos: "vultos célebres, fugazes, indistintos, aparecendo e desaparecendo nos claros das galhadas. Novamente esparsos, intangíveis, punham, ressoantes, sobre os contrários, os

projetis grosseiros – pontas de chifre, seixos rolados e pontas de prego – de sua velha ferramenta de morte desde muito desusada."²¹ Assim Euclides da Cunha definiu as cores da peleja com sua invejável pena.

Os sertanejos compreenderam a superioridade bélica do inimigo, mas sabiam bem explorar seus fatores de força. Protegidos pelo terreno – sempre o terreno –, mantiveram-se afastados, fustigando a tropa. Paralisaram o combate, faziam o tempo passar, os soldados dispenderem a munição e

deixaram a sede e a fome fazerem o papel que lhes cabiam.

*
* *

Ao Major Febrônio apresentou-se um dilema: avançar três quilômetros em passo acelerado sobre Canudos, com seus comandados exaustos, praticamente sem munição, e sem saber quantos adversários encontraria no arraial ou a retirada em ordem. "Estava, além disto, excluída a hipótese eficaz de um bombardeamento preliminar: restavam apenas vinte tiros de artilharia."²²

A retirada foi o alvitre encontrado. Ao

levar-se em conta tão somente as baixas sofridas em combate, os números tornam-se paradoxais: "A tropa perdera apenas quatro homens, excluídos trinta e tantos feridos, ao passo que os contrários, desconhecido o número dos últimos, foram dizimados. Um dos mé-

dicos – Dr. Everard Albertazzi, responsável pelos depoimentos dessa jornada à Euclides da Cunha – "contou rapidamente mais de trezentos cadáveres."²³

Ata da Segunda Expedição

O Major Febrônio reuniu seus oficiais. Todos foram favoráveis à retirada. Fez lavar a Ata, da qual o Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-Ref^o) Nelió Ronchini Vieira desatou alguns itens, a seguir reproduzidos:

20 lb.

21 lb. p. 246.

22 lb.

23 lb. p. 247.

“Ata – Aos 19 de janeiro de 1897, no lugar denominado “Tabuleirinho de Canudos”, a menos de légua deste local, após assalto às trincheiras da Serra do Comboio, que foram tomadas a viva força no dia anterior, em combate que durara desde dez horas da manhã até às três da tarde, atacaram repentina e inesperadamente as forças em operações no norte do Estado... ficou exposto o seguinte:

1ª) – Os fanáticos dispunham de forças numerosas... seguramente 4.000... ferocidade em ação... vantagens do terreno...

2ª) – Que apesar do número de mortos... como legiões que surgiam do solo.

3ª) – Que tendo o ataque... principiado às 7 horas da manhã... vinham morreu à queima roupa agarrados aos canhões...

4ª) – Que a munição... era pouca...

5ª) – Que os animais, inanidos de fome, morriam em combate... ameaçando a artilharia ao abandono...

8ª) – Que, nestas duas emergências, apesar da coragem e bravura de todos, pedia a opinião dos oficiais, declinando de si a responsabilidade da derrota...

Os ditos oficiais optaram, em unanimidade, pela retirada... o comandante impondo condição de não serem abandonados os feridos... sendo enterrados os mortos... retirada na melhor ordem em combate que durou até seis e meia da tarde, carregados feridos em padiolas e a cavalo... a artilharia a pulso e assim tudo até à vila.”²⁴

Os soldados do Major Febrônio estavam debilitados, famintos e sedentos; faltavam-lhes as forças. Água, só a impura da lagoa próxima

O comandante não deveria declinar de sua responsabilidade, pois esta é indivisível. Afinal, as decisões, certas ou erradas, são prerrogativas do comando, não importa se atendendo ou não a sugestões de seus oficiais.

O Major Febrônio era um valente. Sobressaía no meio da refrega. Constituíam-se em referência aos seus comandados no combate. Animava-os para a luta e era por eles seguido mesmo em presença da morte.

Porém, carecia-lhe conhecimentos militares relativos a rudimentos, principalmente de logística. Quanto à tática, era concebida no momento junto de sua coragem. A estratégia por ele utilizada resumia-se em marchar sem perda de tempo. Na Ata por ele determinada avaliou muito

por cima, em 4.000, o número dos “fanáticos”. Não devia queixar-se de ser pouca a munição, responsabilidade sua.

Um acontecimento insólito

Euclides da Cunha relata, calcado em “depoimentos de testemunhas contestes, um dos casos originais dessa campanha.”

A luta no Tabuleirinho – que em Canudos se escutava a intensidade do tiroteio – deixou alarmada a “beatária medrosa”. João Abade, ao perceber o perigo do alarme transformar-se em pânico, “reuniu o resto dos homens válidos, cerca de seiscentos, seguindo em reforço aos companheiros”.²⁵

24 LIMA, Nélito Rochini, Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-Ref^o). *Revista do Clube Naval* (RCN 305), p. 17.

25 CUNHA, Euclides. *Os Sertões* (campanha de Canudos). 22ª edição. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1952, p. 247.

Os soldados, sem identificar a posição dos sertanejos, extenuados, apenas atiravam, e o faziam na maior parte das vezes utilizando a trajetória alta. Por conta do acaso, esses tiros passaram a atingir os homens de João Abade. Estes não entendiam, nem poderiam, o que acontecia. Estavam ainda longe, nem viam o inimigo. Não acreditariam que as armas do inimigo pudessem ter tal alcance. Os sertanejos começaram a cair, um após outro. O caminho em que marchavam era desnudo, plano, sem abrigos naturais. Sem encontrar explicações, valeram as superstições. E volveram, "precipitando-se desesperadamente para Canudos, onde chegaram originando alarme espantoso."²⁶ Algumas mulheres e velhos começaram a retirada para a caatinga. Outras, ainda presas espiritualmente ao Conselheiro, rezavam em torno das igrejas. Porém, a mística do pregador era colocada em dúvida, se não por todos, por alguns.

Antônio Conselheiro, que por aqueles dias encontrava-se recuso, subiu "para os andares da igreja nova e fez retirar, depois, a escada. (...) Atentou para o povoado revoltado, em que se atropelavam, prófugos, os desertores da fé, e preparou-se para o martírio inevitável...

Neste comenos sobreveio a nova de que a força recuava. Foi um milagre. A desordem desfechava em prodígio."²⁷ Então, o

místico carismático adquiriu poderes espirituais ainda maiores.

Opina o escritor: "A retirada foi a salvação. Mas o investir de arranco com o arraial, arrostando tudo, talvez fosse a vitória."²⁸ Talvez... mas assim não entenderam os que entravam no fragor da peleja e não na escrivania elaborando uma das mais belas páginas da literatura brasileira.

A retirada

"A retirada do Major Febrônio se, pelo restrito do campo em que se operou, não se equipara a outros feitos memoráveis. Pelas circunstâncias que a enquadraram, ela é dos episódios mais emocionantes de nossa história militar. Os soldados batiam-se ia para dois dias, sem alimento algum, entre os quais mediava o armistício enganador de uma noite de alarmes; cerca de setenta feridos enfraqueciam as fileiras; grande número de estropiados mal carregavam as armas; os mais robustos deixavam a linha de fogo para arrastarem os canhões ou arcaavam sob feixes de espingardas, ou, ainda, em padiolas, transportavam malferidos e agonizantes; e na frente desta multidão revolta se estendia uma estrada de cem quilômetros, em sertão maninho, inçado de tocaias..."²⁹

**O comandante
expedicionário animou
valentemente os
companheiros atônitos e,
dando-lhes o exemplo,
precipitou-se contra o
grupo. E a luta travou-se
braço-a-braço,
brutalmente, sem armas, a
punhaladas, quase surda**

26 Ib. p. 248.

27 Ib.

28 Ib. p. 247.

29 Ib. p. 249.

O inimigo, ao perceber o início da retirada, não mais deu descanso aos soldados, extenuados, famintos, sedentos e que, responsabilmente, preocupavam-se com os feridos.

Eram capitaneados por Pajeú, que já fizera por merecer fama entre os líderes dos caboclos do Conselheiro. Euclides da Cunha, em termos românticos, traça seu perfil: "Um mestiço de bravura inexcedível e ferocidade rara. Legítimo cafuz, no seu temperamento impulsivo acolchetavam-se todas as tendências das raças inferiores que o formavam. Era o tipo completo do lutador primitivo – ingênuo, feroz e destemeroso – simples e mau, brutal e infantil, valente por instinto, herói sem o saber – um belo caso de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo, apurando-se ali com o mesmo arrojo com que nas velhas idades vibrava o machado de sílex à porta das cavernas..."³⁰

Uma digressão antropológica

Euclides da Cunha, em seus comentários antropológicos, insistiu em colocar o mestiço brasileiro em patamar inferior, deixando a entender que, do ponto de vista etnológico, não possuía qualidades de ascender na escala social. Não cogitava de abandono a que era relegado, na posição de quase pária a que era submetido, mormente na cultura oligárquica e semifeudal

que imperava entre os fazendeiros do Nordeste e sobretudo do sertão. Naturalmente, ele não tinha dúvida de que era branco, a sua época considerada a raça superior.

Na composição étnica dos que acompanhavam o Conselheiro, dentre os diferentes tipos de mestiços, sobressaía-se o negro, recém "libertado", que abandonava as fazendas na busca do mundo de esperanças, sonhos e fantasias do pregador – eram os *carijés*.

Não sei se concordaria – branco, inteligente e culto que era – com o ponto de vista de alguns, de que o brasileiro do

seu tempo constituía-se no produto de três raças: o índio mais atrasado das Américas, o negro mais atrasado da África e o branco mais atrasado da Europa.

*
* *

Afinal, o que somos hoje? Uma nação de mestiços, com todas as gamas de mestiçagem imagináveis. Tomando o

branco por referência, mais ou menos brancos. Minorias, entre os brasileiros, são os brancos puros, os negros puros, os amarelos puros e os índios puros, minoria entre as minorias, Estes somos nós. E a esse nós cabe a responsabilidade sobre o futuro da Pátria. Mas é importante que a minoria a qual foi conferida responsabilidade, pelo grau de educação e cultura que receberam e conseguiram, queira engrandecê-la, a despeito de sermos na maior parte mesti-

30 lb. p. 250.

ços. Engrandecê-la e não submetê-la aos ditames do exterior, daqueles que se dizem superiores por constituírem-se, não se sabe por quanto tempo, em brancos puros.

O caminho de volta

O caminho de volta era o mesmo da ida. Mudara apenas o sentido. Os sertanejos do alto acompanhavam e fustigavam a coluna de retirantes que, a esta altura, deixara de seguir os preceitos e a estrutura militares. A hierarquia, de certo modo, fora ferida, não por atos de indisciplina, mas na execução de tarefas, onde cooperavam oficiais e praças de pré, e no comando, quando, por vezes, sargentos executavam funções em lugar de oficiais. “Enquanto o comandante, cujo ânimo não afrouxara, procurava os pontos mais arriscados.”

A Serra do Cambaio, com sua natureza peculiar e inóspita, era novamente atravessada. Um “detalhe” apenas: os atacantes de ontem eram os perseguidos de hoje. Os conselheiristas não tinham preocupações maiores em atacar. Tiroteavam para mostrar presença. “Flanqueavam a tropa em correrias pelos altos, deixando que agisse, quase exclusiva, a sua arma formidável: a terra.”³¹

Ao final de três horas de marcha, chegaram extenuados a Bendegó de Baixo. Salvou-os a admirável posição desse lugar, breve planalto em que se contemplava a estrada, permitindo mais eficazes recursos de defesa.³²

Neste sítio ocorreu a última refrega. Os sertanejos atacaram, mas foram repelidos

pelo fogo das metralhadoras que o General Solon, em boa hora, havia solicitado ao Ministro da Guerra. Recuaram, após a morte de 20 mestiços, e tomaram o destino de Canudos.

*
* *

Maltrapilhos, os soldados retornaram a Monte Santo. “(...) mal alinhando-se em simulacro de formatura, entraram pelo arraial, lembrando uma turma de retirantes, batidos dos sóis branidos, fugindo à desolação e à miséria.

A população recebeu-os em silêncio.”³³

Apesar de tudo, há que se render homenagens ao Major Febrônio de Brito.

Os homens do Conselheiro procuraram por seus mortos, transportaram-nos em cortejo fúnebre, para Canudos, onde fariam as últimas homenagens aos “mártires da fé”.

Apesar de tudo, há que se render homenagens ao Major Febrônio de Brito

Nos bastidores da política

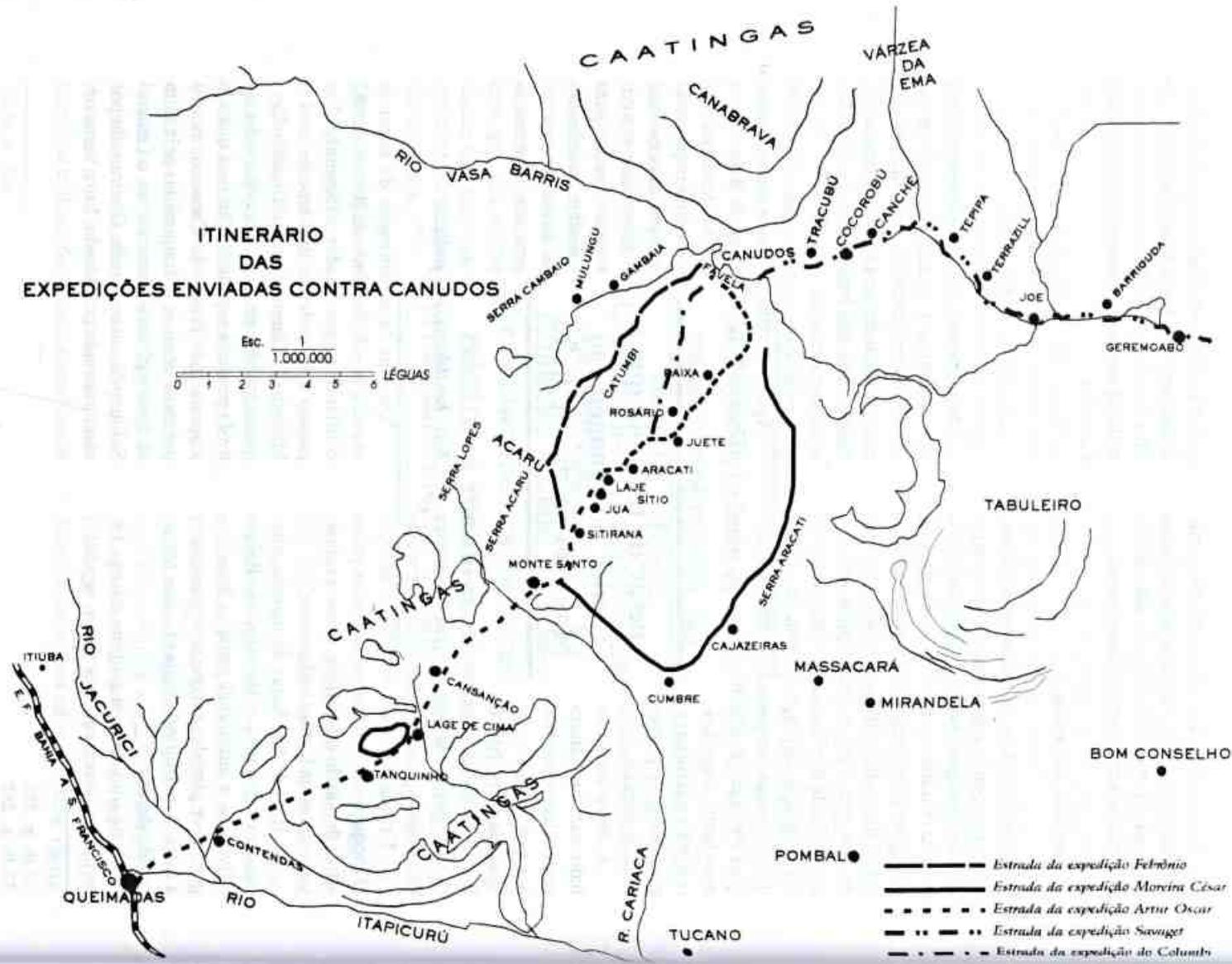
“Quando da organização da segunda expedição – de Febrônio de Brito –, já não confiando no governador, o General Solon passou a entender-se diretamente com o Ministro da Guerra, General Dionísio Cerqueira, que lhe recomendou evitar o desastre da primeira expedição. Por isso, quando a apenas três léguas de Canudos, as tropas mostraram-se enfraquecidas pela falta de água e gêneros alimentícios, o General Solon ordenou a retirada. Contrariado por não haver sido consultado, Luiz Viana or-

31 Ib.

32 Ib. p. 251.

33 Ib. p. 252.

ITINERÁRIO DAS EXPEDIÇÕES ENVIADAS CONTRA CANUDOS



denou que a expedição prosseguisse a marcha e que o General Solon lhe enviase reforço. Achava que a retirada encorajaria os inimigos. O general não acatou o governador, o que levou a este ordenar a volta dos cem praças da polícia estadual que faziam parte da expedição. Irritado, telegrafou ao Ministro da Guerra dizendo que só ao seu governo competia a manutenção da ordem no Estado e que, se pelo fato de haver

pedido o auxílio das forças federais, a autoridade do general superava a sua, poderia retirá-las, imediatamente.”³⁴

O Governador, amigo e correligionário de Manoel Vitorino, conseguiu a demissão do general do comando do 3º Distrito, o que lhe conferia prestígio e poder político no Estado. O General Solon, contudo, por sua conta, permaneceu por algum

tempo na Bahia e, segundo Luiz Viana, passou a colaborar com a oposição, “insuflando a guarnição” e “inventando fatos que nunca se passaram”, “como o de sua preferência pela Monarquia”.³⁵

Consuelo Novaes Sampaio, em seu ensaio com o título *Canudos – Cartas para o Barão*, registra referência ao trabalho do Coronel José Augusto Vaz Sampaio Neto, a que teve acesso, escrito em 1986 e ainda

não publicado, que “isenta o General Solon de qualquer responsabilidade pelo fracasso da Segunda Expedição. Com farta documentação, esse estudo mostra as dificuldades de ação do Major Febrônio de Brito (insuficiência de homens e de ‘animais de condução’) e os atos do governador no sentido de minimizar a importância das forças conselheiristas e adiar as ações militares, com o objetivo político de subjugar o mando do Barão de Jeremoabo e do ex-Governador José Gonçalves no 3º Distrito Eleitoral.”³⁶

O Governador atribuiu ao Major Febrônio de Brito toda a responsabilidade³⁶ pela derrota. “O major enviou carta ao *Diário da Bahia*, em 1º de fevereiro de 1897, debitando o fracasso da expedição ao que clamou de ‘política desgraçada, torpemente velhaca dos adesos diluídos nos banhos da sarnagem monárquica’ – provavelmente por perceber que estava sendo manipulado para a satisfação de interesses políticos. Em seguida, companheiros de farda partiram em sua defesa, acusando o governador de ‘política-gem escandalosa.’”³⁷

Após a segunda derrota, a questão não mais poderia ser entendida como assunto

Na sua voragem verbal atingiu o Exército. Alguns jovens oficiais tomaram a defesa da corporação. Não acreditavam que os procedimentos legais fossem o caminho a ser percorrido. Esfaquearam o jornalista até a morte

* N.A.: Há discrepância entre os relatos de Euclides da Cunha e de Consuelo Novaes Sampaio. Não pesquisei a respeito. Acredito que o General Solon haja ratificado a decisão já tomada pelo Major Febrônio. As intervenções do General e do Governador devem ter ocorrido após a tropa recuar para Monte Santo.

** N.A.: Trata-se do Barão de Jeremoabo.

*** N.A.: A autora lamenta a não publicação do referido trabalho, “*A Responsabilidade na Guerra de Canudos*”, Rio de Janeiro, 1986 (datilografada), que se encontra na Fundação Casa Rui Barbosa.

34 SAMPAIO, Consuelo Novaes. *Canudos, cartas para o Barão*. Edusp. Editora da Universidade de São Paulo. São Paulo, SP. 1999, p. 61.

35 *Ib.*, p. 62.

36 *Ib.*

37 *Ib.*, p. 63.

a ser conduzido em âmbito estadual. O governo federal assumiria o controle no combate a Antônio Conselheiro. Foi também a opinião emitida pelo Major Febrônio, de que a ação federal deveria ocorrer "a revelia do governo do Estado, impotente no caso."³⁸

Na capital da República, a imprensa aumentava o seu radicalismo. Incentivava-o. Não importava que desconhecesse a questão que ocorria nos sertões da Bahia, o que, na realidade, representava Antônio Conselheiro, o perigo que dele emanava e a gênese de sua história. A questão era política, política menor, que via em tudo, com segundas intenções, o perigo da reclamação monárquica que inexistia de associar o que de mal acontecia no País à perfídia dos monarquistas.

Antônio Conselheiro, sabia-se, não aceitara a República. Era um monarquista a seu modo. Então, nada mais fácil do que colocar Canudos no centro do movimento restaurador e, em consequência, ser destruída.

"O governo federal, sob a presidência interina do baiano Manoel Vitorino" – que com muita ambição e pouco escrúpulo manobrava para defenestrar Prudente de Moraes –, "deixou que os boatos se disse-

minassem pelo país, transformando Canudos numa questão de salvação nacional".³⁹

A TERCEIRA EXPEDIÇÃO

*Moreira Cesar e a Terceira Expedição**

"A retração criminosa da maioria pensante do país permitia todos os excessos; e, no meio da indiferença geral, todas as mediocridades conseguiram imprimir àquela quadra, felizmente transitória e breve, o traço mais vivo que o caracteriza (...). E como o Exército se erigia, illogicamente, desde o movimento abolicionista até a proclamação da República em elemento ponderador das agitações nacionais, cortejavam-no, captavam-no, atraíam-no afanosamente e imprudentemente.

Ora, de todo o Exército, um Coronel de Infantaria, Antônio Moreira Cesar, era quem parecia haver herdado a tenacidade rara do grande debelador de revoltas.

O fetichismo político exigia manipulosos de farda.

Escolheram-no para novo ídolo.⁴⁰

Manoel Vitorino, para atender seus objetivos políticos, necessitava do apoio

Na Terceira Expedição tudo foi realizado com extrema e desnecessária rapidez

*

A grande maioria dos verdadeiros crentes permaneceu resignada

* N.A.: Na parte XXXIII, *RMB* 3º trimestre de 2000, págs. 33 e 35 são tecidas algumas considerações sobre Moreira Cesar e a expedição que comandou, agora complementadas.

38 lb, p. 64.

39 lb.

40 CUNHA, Euclides. *Os Sertões (campanha de Canudos)*. 22a edição. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1952, p. 263.

florianista-jacobino. Não perdeu tempo em considerações maiores. Nomeou o Coronel Moreira Cesar comandante da nova expedição.

A insipiente opinião pública tendia para o extremo na análise dos fatos e de seus partícipes. Necessitava de heróis. Parte dela, mormente os políticos e a imprensa, fizeram de Moreira César um desses heróis. Herói que nada tinha a ver com o desprendimento de Saldanha, fiel aos seus princípios, em Campo Ozório, ou com a lealdade e valentia de Gomes Carneiro na Lapa.

Aparecera no noticiário, ainda no Império, em 25 de outubro de 1883, no episódio do jornalista, ou melhor, do pasquineiro Apules de Castro”, que despidoradamente atingia a todos de maneira irresponsável e inescrupulosa em *O Corsário*, onde não era poupado sequer o Imperador. Ninguém era respeitado, pessoas ou classes. Na sua voragem verbal atingiu o Exército. Alguns jovens oficiais tomaram a defesa da corporação. Não acreditavam que os procedimentos legais fossem o caminho a ser percorrido. Aliás, o pasquineiro “agora libérrimo, graças à frouxidão das leis repressivas.”⁴¹ Executaram a sentença em plena rua, à luz do dia, na presença de testemunhas. Chefiou o grupo outro moço, o Capitão Moreira Cesar; teria em torno dos 30 anos. Tomou a iniciativa e “foi o mais afoito, o mais impiedoso, o primeiro talvez no esfaquear pelas costas a vítima (o que resultou em sua morte), exatamente na oca-

sião em que ela, num carro, sentada ao lado de autoridade superior do próprio Exército, se acolhera ao patrocínio imediato das leis...”⁴²

O atentado ocorreu a 25 de outubro. A 30 o Imperador visitou o 1º Regimento de Cavalaria da Corte, onde sabidamente serviam os oficiais envolvidos; por esse motivo recebeu críticas dos conservadores, na oposição.

O julgamento, parcialíssimo, contou com a indulgência do próprio Imperador, que, afinal, livrara-se de tão incômoda figura. Moreira Cesar foi transferido para Mato Grosso. De lá regressou após a Proclamação da República.

Moreira Cesar voltou a mostrar sua tendência assassina ao determinar execuções na Ilha do Governador e principalmente em Santa Catarina, para onde fora designado por Floriano Peixoto, na qualidade de interventor federal. Havia conseguido re-

nome. Seu prestígio chegava ao ponto de emitir opiniões respeitadas contra aqueles que desejaram a permanência de Floriano no poder e a substituição de Prudente de Moraes por Manoel Vitorino. Intitulava-se um “homem da lei”.

Euclides da Cunha assim lhe traça o perfil: “Surpreendiam-se a vê-lo admiradores e adversários. O aspecto reduzia-lhe a fama. De figura diminuta – um tórax desfibrado sobre as pernas arcadas em parêntesis –, era organicamente inapto para a carreira que abraçara. (...) apertada na farda, que raro deixava, o

Mas no sertão, mormente no período de novembro a março, não existem veredas amigas. O comandante e oficiais não tinham idéia da caminhada a enfrentar

41 Ib.

42 Ib.

dolman feito para adolescente frágil agravava-lhe a postura. (...) (...). Era tenaz, paciente, dedicado, leal, impávido, cruel, vingativo, ambicioso. (...) (.). Tinha o temperamento desigual e bizarro de um epilético provado... (...). De feito, eram correntes entre os seus companheiros de armas os episódios frisantes que, de tempos a tempos, com ritmo inabalável, lhe interferiam a linha de uma carreira militar correta como poucas. Ainda capitão e embora nunca houvera arrancado a espada em combate, recordava um triunfador.”⁴³

Em 1893 chegara a coronel. Galgara três postos em dois anos.

Em Santa Catarina agiu discricionariamente. “(...) em nenhum ponto do nosso território pesou tão firme e tão estrangulador o guante dos estados de sítios.

Os fuzilamentos que ali se fizeram, com triste aparato de imperdoável maldade, dizem-no de sobra. Abalaram tanto a opinião nacional que, ao terminar a revolta, o governo civil recém inaugurado pediu contas de tais excessos ao principal responsável. A resposta pelo telegrafo foi pronta. Um “não”, simples, seco, atrevido, cortante, um dardo batendo em cheio a curiosidade imprudente dos poderes constituídos, (...)”⁴⁴

Este o chefe escolhido, embora sem a saúde necessária, para comandar a Terceira Expedição. Para conduzir homens na guerra, para enfrentar inimigo que, embora portador de armamento primitivo, já havia mostrado na sagacidade fanatismo, e do que seria capaz. Além dele, a terra inóspita do ser-

ção da Bahia. Não possuía experiência em combate* e sua capacidade de mando, provavelmente, decorria mais pelo temor que infundia. Não fora uma boa escolha. Haveria, com toda a certeza, no Exército, outros coronéis mais indicados para a missão que deveria ser antevista como difícil. Todavia, Moreira Cesar era o que melhor traduzia a posição dos florianistas radicais e jacobinistas. Encaixava-se bem nos planos de Manoel Vitorino.

*
* *

Em Portaria do Ministro da Guerra datada de 2 de fevereiro de 1897, o Coronel Antônio Moreira Cesar foi

designado para o comando da Terceira Expedição. Era composta dos 7^o, 9^o, 16^o Batalhões de Infantaria, de um Esquadrão do 9^o Regimen-

to de Cavalaria, uma bateria reforçada do 2^o Regimento de Artilharia. A Portaria previa que outros efetivos fossem agregados à brigada, como foi o caso do 9^o de Infantaria, sob o comando do Coronel Pedro Nunes Fernando, e contingentes da força estadual da Bahia, para atender a Luiz Viana, um paliativo para a intervenção federal, agora um fato.

“(...) imperando incondicionalmente, organizou o melhor corpo do Exército porque, nos longos intervalos lúcidos, patenteava francas qualidades eminentes e raras de chefe disciplinador e inteligente, contrastando com os paroxismos da exaltação intermitente.”⁴⁵

* NA.: O articulista não encontrou seu nome mencionado na campanha federalista contra os gaúchos de Gumercindo Saraiva.

43 Ib. p. 264.

44 Ib.

45 Ib. p. 265.

Embarca para o Rio de Janeiro com o seu batalhão, o 7º de Infantaria.

Em pleno mar, no que se constituiu surpresa para todos, prendê o Comandante e parte da tripulação. Suspeitara – motivos não os havia – de traição, uma mudança na derrota, a fim de prendê-lo com o seu batalhão. Deveria este fato ter-se constituído em mais que um aviso. Mas não o foi...

A 3 de fevereiro de 1897, o mercante deixa o Rio de Janeiro, chega à Bahia no dia 6. Aí, Moreira Cesar reuniu toda força sob seu comando e tomou o destino de Queimadas, onde a “8 de fevereiro estava toda a expedição reunida, quase 1.300 homens, com 15 milhões de cartuchos e 70 tiros de artilharia.”⁴⁶

No curto período em que permaneceu na capital, “se recusa a ouvir as informações do Major Febrônio; confiava na sua vitória estrondosa”.⁴⁷ Um erro primário, quem sabe, fruto da megalomania decorrente de seu estado de saúde. Não admitiria discutir com que batera em retirada frente aos conselheiristas.

Destino: Canudos

Na Terceira Expedição tudo foi realizado com extrema e desnecessária rapidez. “Deixando em Queimadas, ‘primeira base de operações’, sob o comando de um tenente, pla-

tônica guarnição de 80 doentes e 70 crianças, que não comportavam o peso das mochilas, seguiu o grosso da tropa para a ‘segunda base de operações’, Monte Santo, onde a 20 estava pronta para a investida.”⁴⁸

“Chegara, porém, mal auspiciada. Um dia antes, a inervação doentia do Comandante explodiria numa convulsão epileptiforme, em plena estrada, antes do sítio de Quirinquinfuá”.⁴⁹ Os oficiais em comando não ousaram discutir com Moreira Cesar tão dedicada questão, embora “fosse de caráter tal que os cinco médicos do corpo de saúde previram uma reprodução de lastimáveis conseqüências.” Certamente, os

médicos levaram em consideração a mudança repentina de Santa Catarina para o sertão da Bahia e a pressão a que estava submetido o comandante, para não serem otimistas em suas previsões.

Tudo indica que não foi tratado em estado-maior o assalto a Canudos. Os erros das expedições anteriores – ignorados por Moreira Cesar – foram, em grande parte, repetidos. Para o comandante, tudo parecia simples e claro; bastaria “lançar à marcha-marcha mil e tantas baionetas dentro de Canudos”.⁵⁰ Esse plano, cuja simplicidade não se traduzia em competência tática, deveria ser executado, segundo o conceito do chefe, no menor período de tempo. Poder-se-ia argüir: por que tanta pressa? Canudos e seus habitantes lá estavam e lá esperariam Moreira Cesar.

O comandante ratificava sua idéia fixa: não perder tempo, a despeito de qualquer sacrifício, mesmo que desnecessário

46 Ib. p. 267.

47 LIMA, Nélcio Ronchini, Capitão-de-Mar-e-Guerra (IM-Ref^o). *Revista do Clube Naval* (RCN 305), p. 18.

48 CUNHA, Euclides. *Os Sertões* (campanha de Canudos). 22ª edição. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1952. p. 267.

49 Ib.

50 Ib. p. 268.

O nome *Moreira Cesar*

Tornara-se uma lenda. Já o conheciam nos sertões da Bahia. "(...) quando, voltando dos diversos pontos, os emissários que tinham ido indagar sobre a marcha invasora trouxeram, a par de informações seguras quanto ao número de armamento dos soldados, o renome do novo comandante. (...) Era o anti-Cristo vindo jungir à derradeira prova os penitentes infelizes. Imaginaram-no herói de grande número de batalhas, quatorze como especificou um rude poeta sertanejo no canto que depois consagrou a campanha; a perfiguraram a devastação dos lares, dias de torturas sem nome, a par de duríssimos tratos. Canudos dissolvido a bala, a fogo, e a espada... Deram-lhe um apelido lúgubre: 'Corta-cabeças'...".⁵¹

Somente o nome *Moreira Cesar* fora responsável por defecções nas hostes do Conselheiro, entre os que compunham as fileiras e também no meio da beataria inválida para o combate.

"Mas esse movimento de temor redundara em movimento seletivo. Expurgara o arraial de incrédulos e tímidos. A grande maioria dos verdadeiros crentes permaneceu resignada."⁵²

De Monte Santo a Canudos - o novo caminho

Moreira Cesar tomaria caminho diferente daquele escolhido pelo Major *Febrônio*

de Brito. Não teria de lidar com as dificuldades da Serra do Cambaio. Mas no sertão, mormente no período de novembro a março, quando impera o estio, não existem veredas amigas.

Seriam 150 quilômetros a percorrer no trajeto que, partindo de Monte Santo, atingiria o Cumbe e tomaria a direção de Cajazeiras, Serra Branca, Rosário e o Angico. Após o cumbe, a tropa encontraria a vencer cerca de 40 quilômetros de deserto, areia fofa, sol inclemente. Os altos seriam determinados pela existência de ca-

cimbas ou ipueiras salvadoras indicadas pelo guia. O comandante e oficiais não tinham idéia da caminhada a enfrentar. A ignorância sobre a marcha a ser empreendida mantinha alto o moral de todos ao partirem de Monte Santo. Ademais, havia *Moreira Cesar* no comando, o que para os soldados era a garantia da vitória.

*

* *

A 22 de fevereiro de 1897, a expedição deixaria Monte Santo, segundo o determinado na "ordem de detalhe". Na tarde de 21, houve a formatura para a revista. Ao seu término, em lugar do toque de debandar, o corneteiro deu o toque de "coluna de marcha".

"Eram ao todo 1.281 homens, tendo cada um 220 tiros nas patronas e cargueiros, à parte a reserva de 60.000 tiros no comboio

* NA.: Segundo revelação de prisioneiros no final da campanha. Observação de Euclides da Cunha.

51 Ib. p. 274.

52 Ib. p. 275.

geral".⁵³ Tivera início a marcha para Canudos". O fato foi de todo inesperado. Mas não houve o mais leve murmúrio nas fileiras".⁵⁴ O comandante ratificava sua idéia fixa (estratégia?): não perder tempo, chegar à Canudos o mais rápido possível, a despeito de qualquer sacrifício, mesmo que desnecessário.

A tropa chega ao Cumbe após três dias. Mas apenas a vanguarda. O restante ficara dando cobertura ao comandante, "retido numa fazenda próxima por outro ataque da epilepsia."⁵⁵

Daí para a frente o deserto. Os soldados caminhavam sob forte calor na areia macia; as rodas das carretas e dos canhões penetravam fundo no terreno. Contudo, a travessia fora penosamente realizada. "De sorte que ao chegar, à tarde, a Serra Branca, a tropa estava exausta.

Exausta e sequiosa. Caminhara oito horas sem parar, em pleno ardor do sol bravio de verão".⁵⁶ É bom ser lembrado que os soldados avançavam completamente equipados e uniformizados em fardas inadequadas para aquele clima. Os soldados – os notáveis soldados brasileiros – somente de tempos em tempos encontravam uma cacimba para mitigar-lhes a sede. Cumpriam, disciplinadamente, as ordens.

A bomba de poço artesiano

Apesar de desconhecerem o caminho, haviam sido informados das dificuldades de encontrarem água. Muniram-se de uma bomba artesiana. Certamente possuíam a varinha mágica que indicaria onde encontravam-se os lençóis subterrâneos. Começaram a faxina para utilizá-las. No entanto, tornara-se impossível. "Ao invés de um bate-estacas que facilitasse a penetração da sonda, haviam conduzido aparelho de função inteiramente aposta, um macaco de levantar pesos".⁵⁷

Tamanho erro só poderia ser atribuído à sofreguidão com que Moreira Cesar conduziu sua expedição. Fica difícil entender-se sobre o porquê não haver permanecido na Bahia uns dias a mais, a fim de colher informações, inclusive daqueles chefes que o antecederam, discutir as linhas gerais da

E daquele enredamento de fileiras, rompeu aforradamente, de arremesso, um cavaleiro isolado, precipitando-se a galopes. Era o Coronel Moreira Cesar

campanha e dar um primeiro adestramento à sua brigada, somente reunida na capital do Estado da Bahia.

Não havia água. A solução, única aliás, era continuar a marcha para o sítio de Rosário. Seriam mais oito ou dez léguas a caminhar: "mil e tantos homens penetrando, quase em cambaleios, torturados de sede, acurvados sob as armas, em pleno território inimigo."⁵⁸ A esta altura a tropa era acompanhada pelos jagunços.

53 lb, p. 277.

54 lb, p. 278.

55 lb.

56 lb, p. 279.

57 lb, p. 280.

58 lb.

“O Rosário era o que eram os (demais) sítios das cercanias: uma ou duas casas pequenas de telha vã, sem soalho; (...) e tendo, pouco distante, a cacimba ou a ipueira que determinam a escolha do local.”⁵⁹

A 1^o de março de 1897, aproveitando um temporal que caíra, os homens do Conselheiro mostraram sua presença disparando tiros sobre a tropa que descansava. A confusão foi grande. “E daquele enredamento de fileiras, rompeu aforradamente, de arremesso, um cavaleiro isolado, sem ordenanças, precipitando-se a galopes entre os soldados tontos e lançando-se pela estrada, na direção provável do inimigo, mal alcançado pelo engenheiro militar Domingos Leite.

Era o Coronel Moreira Cesar.

Felizmente o inimigo imaginário a quem ia entregar-se, procurando-o naquela arremetida inútil, era um comboio de gêneros enviados por um fazendeiro amigo das cercanias.”⁶⁰

Na madrugada do dia 2, a expedição partiu para o Angico, onde chegou às 11 horas e acampou. No planejamento pré-estabelecido, a fim de proporcionar descanso à tropa, estava previsto seguir para o Angico somente no dia 3. Lá mais um descanso para a 4 marcharem sobre Canudos, a pouco mais de légua e meia.

No Angico, Moreira Cesar transmitiu segurança absoluta na vitória aos seus comandantes subordinados. Este apresentaram-lhe sugestões sobre o ataque a Canu-

dos. Concordara até com a do comandante do 7^a, por todos considerada exequível. “Contra o que era de esperar, o chefe expedicionário não desadorou o alvitre. A tropa prosseguiria a 3, adstrita a um plano lucidamente traçado.”⁶¹

Angico, onde deveriam descansar, era a última parada programada. Lá repousariam antes do assalto final a Canudos. Moreira Cesar, ao sentir-se próximo a Canudos, foi tomado de exaltação. Reuniu seus oficiais e minutos após, esquecido com o alvitre apresentado pelo comandante do 7^a, ordenou avançar sobre o arraial. Mostrava energia e ânimo surpreendentes. E dirigiu-se aos oficiais: “— Meus camaradas! Como sabem, estou visivelmente enfermo. Há muitos dias não me alimento; mas Canudos

está muito perto... vamos tomá-lo! — Vamos almoçar em Canudos! Disse alto. Respondeu-lhe uma ovação da soldadesca.”⁶²

Na arrancada final, os soldados receberam ordens para desvencilharem-se de todo seu equipamento, exceto a munição e as armas, “que a cavalaria, à retaguarda, ia recolhendo, à medida que encontrava”.

Mais próximo, “o guia Jesuino, consultado, apontou com segurança a direção do arraial. Moreira Cesar mandou dar dois tiros segundo o rumo indicado.

— Lá vão dois cartões de visita ao Conselheiro..., disse quase jovial, com o humorismo superior dos fortes.⁶³ A alça de mira fora ajustada para três quilômetros.

Vamos tomar o arraial sem disparar mais um tiro!... à baioneta

* N.A.: Coronel da Guarda Nacional José Américo C. de Souza Velho, dono dos sítios de “Caimbê” e “Olhos d’Água”. Foi quem aconselhou a Estrada do Cumbe à expedição. Nota de Euclides da Cunha.

59 lb, p. 281.

60 lb.

61 lb, p. 282.

62 lb, p. 289.

63 lb.

Canudos, enfim

A marcha continuava célere. De repente a visão de Canudos. Encontravam-se no alto da Favela. Moreira Cesar chegara onde os que o antecederam não conseguiram. E viram Canudos: "A casaria compacta em roda da praça, a pouco e pouco ampliava (...), sem que uma parede branca ou telhado encaixado quebrasse a monotonia daquele conjunto assombroso de cinco mil casebres (...). As duas igrejas destacavam-se. A nova, ainda incompleta (...) – erguida dominadoramente sobre as demais construções (...), ampla, retangular, firmemente assente no solo (...) –, tinha, com efeito, a feição completa de um baluarte formidável. Mais humilde, construída pelo molde comum das capelas sertanejas, enfrentava-a a igreja velha."⁶⁴

"Foi atrás daquelas colinas, e com as mar-

gens do Vasa Barris delimitando, em meia-lua, a cidade que o "monge" fincou o pé, com um milheiro de fanáticos, em seguida cinco, dez, vinte mil, na aldeia labirinto de casebres construídos à toa, ao sabor da pobre gente, de barro, palha ou telha; vila desordenada de rezadores governada mansamente por ele – com a fabulosa autoridade de 'santo'".⁶⁵

No arraial inexistia, e não poderia existir, qualquer rudimento de urbanização. Vias muito estreitas cruzando-se em todo os

sentidos, ladeadas por taperas de barro que se uniam pelas paredes. A força da cidade do arraial de Canudos acabou por decorrer da fragilidade dessas habitações e pelo emaranhado de suas vielas. Porém, nesse labirinto, os guerreiros do místico moviam-se com extrema facilidade e rapidez.

*
* *

Moreira Cesar manteria seu pensamento. Com Canudos à vista, teve-o reforçado. Visualizava quase 1.300 baionetas carregando sobre aquele

amontoado de barro; "parecia contar menos com a bravura do soldado e a competência de uma oficialidade leal que com uma hipótese duvidosa: o espanto e o terror dos sertanejos em fuga colhidos de improviso por centenas de baionetas".⁶⁶

Não cogitou, porque ele era Moreira Cesar, de informar-se sobre o inimigo com quem teria de lutar.

A artilharia posiciona-se logo à chegada no alto da Favela. E os canhões abriram fogo em depressão. Não havia como errar. Os projetis explodiam nos casebres. em pouco tempo, a poeira e a fumaça impediam a visão dos artilheiros. Os primeiros incêndios começaram.

O sino da igreja velha repicou chamando os guerreiros para o combate. A luta ainda não começara.

64 Ib, p. 290.

65 CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Vol. VI. Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, RJ, 1959, p. 2000.

66 CUNHA, Euclides. *Os Sertões* (campanha de Canudos). 22ª edição. Livraria Francisco Alves. Rio de Janeiro, 1952, p. 294.

Moreira Cesar sentenciou ao comandante de uma das baterias do 7^o.

“– Vamos tomar o arraial sem disparar mais um tiro!... à baioneta”.⁶⁷

Assim foi feito. O ingrato destino da batalha para a Expedição Moreira Cesar fora lançado naquele momento. “De fato, acometendo a um tempo por dois lados, os batalhões de um e outro extremo, correndo convergentes para um objetivo único, fronteavam-se a breve trecho, trocando entre si as balas destinadas aos jagunços. Enquanto a artilharia, podendo a princípio bombardear as igrejas e centros do povoado, a pouco e pouco ia tendo restringido o âmbito de sua ação, à medida que avançavam aqueles, até perdê-la de todo, obrigada a emudecer na fase aguda da peleja generalizada, fugindo ao perigo de atirar sobre os próprios companheiros, indistintos com os adversários dentro daquele arrendamento de casebres.”⁶⁸

De um lado as cornetas, do outro o sino, ordenavam os inimigos para a peleja; estes, com valentia e desprendimento à vida, partiam para o combate. A tropa, a princípio, cumprindo ordens dos comandantes dos seus batalhões.

A ação empreendida logo mostrou a inexistência de comando em toda sua cadeia. Foram os batalhões que distanciaram-se das companhias e estas dos respectivos pelotões. Estes mantiveram-se coesos por um tempo maior, até seus homens investirem sobre os casebres, derrubando-

os a coronhadas e incendiando-os. Então, literalmente, perderam-se nos labirintos em que começavam a penetrar. Porém, não impunemente, O sertanejo enfrentava-os, matava-os e morria; recuava, atraindo os soldados mais para o interior do arraial, que passara a constituir-se num pandemônio. Era uma tática primitiva que surtia efeito, pois dava aos soldados a impressão de perseguidores e vencedores – só a impressão...

“E nesse perseguir tumultuário, realizado logo nos primeiros momentos do combate, começou a esboçar-se o perigo único e gravíssimo daquele fossado monstruoso: os pelotões dissolviam-se. Entalavam-se nas vielas estreitas (...). (...) e dividiam-se, pouco a pouco, em seções pervagantes para toda a banda; e partiam-se, estas, por seu turno, em grupos aturdidos cada vez mais dispersos e rarefeitos, dissolvendo-se ao cabo em combatentes isolados.”⁶⁹

A luta tornara-se individual. Os soldados continuavam avançando e pagavam preço muito alto. Mas avançavam para onde, para qual objetivo?

“À frente do seu estado-maior, na margem direita do rio, o chefe expedicionário observava este assalto, a cerca do qual certamente não podia formular uma única hipótese”.⁷⁰ Na certa, esquecer-se daquela que formulara e que se constituiu no *leitmotiv* de sua decisão: a fuga dos sertanejos. No entanto, eles enfrentaram as mil e tantas baionetas!

Por fim, cada um por si; todos aqueles vivos e em condições atravessaram de volta o Vasa-Barris

67 lb, p. 293.

68 lb, p. 294.

69 lb, p. 296.

70 lb, p. 299.

O comandante deve ter percebido que não mais comandava. A situação estava próxima de ser crítica. Os sertanejos continuaram lutando e as horas passavam.

"Além disso, a ação abrangia apenas a metade do arraial. A outra, à direita, onde terminava a estrada de Geremoabo, estava indene".⁷¹ E constituía-se num setor ainda mais propício a uma defesa eficaz. Moreira Cesar entendeu que deveria atacá-lo. Utilizou-se da polícia baiana, que pouco avançou, e da cavalaria. "Cavalaria no arraial de Canudos", comenta com ironia Euclides da Cunha. Mas os cavalos refugavam logo na travessia do rio, sob o fogo inimigo e a enorme confusão reinante. Após desvencilharem-se de suas montarias (ou montadas?), os animais retornaram ao ponto de origem.

Moreira Cesar não devia acreditar no que acontecia. Toma outra decisão ainda mais temerária. Talvez consentânea com seu caráter e seu raciocínio psicologicamente obliterado. Deixou o lugar onde se encontrava e bradou: – "Eu vou dar brio àquela gente" –. "E descia. A meio caminho, porém, refreou o cavalo. Inclinou-se, abandonando as rédeas, sob o arção dianteiro do selim. Fora atingido no ventre por uma bala." – "Não foi nada; um ferimento leve", procurou tranquilizar os companheiros. Não desmontou e foi novamente atingido. "Estava mortalmente ferido."⁷²

Seu substituto legal, o Coronel Tamarindo, encontrava-se em dificuldades à frente do seu próprio batalhão. Foi sur-

preendido. Nada poderia fazer em termos de efetivamente assumir o comando geral da expedição.

"Era um homem simples, bom e jovial. (...) Chegara aos sessenta anos candidato a uma reforma tranqüila. Fora ademais incluído contra a vontade na empresa. E ainda quando tivesse envergadura para aquela crise, não havia mais como remediá-la."⁷³

A luta continuava. Morte para ambos os lados. O tempo passando. Após cinco horas de combates, o crepúsculo dera notícia. Na cabeça de todos os soldados deve ter ocorrido o mesmo pensamento: passar a noite no meio dos casebres, circundado pelos fanáticos... Fiquemos com nossas imaginações, que cada um de nós idealiza o que foi o trágico assalto ao arraial de Canudos.

Começaram os recuos. Não que houvesse ordem para tal. E o número dos que retornavam iam aumentando. Por fim, cada um por si; todos aqueles vivos e em condições atravessaram de volta o Vasa-Barris.

Com a noite chegando, os conselheiros interromperam o combate, atendendo o sino da igreja velha. "(...) soou harmoniosamente a primeira nota da *Ave-Maria*... Descobrimo-nos, atirando aos pés os chapéus de couro ou gorros de azulão, e murmurando a prece habitual, os jagunços dispararam-se a última descarga."⁷⁴

Contudo, o número de homens não se traduziam em força, suas mentes já estavam vencidas

71 Ib.
72 Ib. p. 301.
73 Ib.
74 Ib.

Os soldados que se reuniram numa elevação em torno da artilharia acabaram por deslocar-se para outra mais alta, próxima cerca de 400 metros, o alto do Mário. Para lá foram arrastados os canhões e passaram a noite. Estabeleceram um dispositivo de defesa (um quadrado), onde misturavam-se soldados de diferentes pelotões. O número de feridos atingia 130. Não era possível tratá-los na escuridão e qualquer tipo de iluminação era proibido. O número reduzido de médicos sofrera uma baixa.

O Coronel Tamarindo não conseguia sequer dar uma ordem. O seu pensamento cristalizara. “Quedava impassível, alheio à ansiedade geral, passando de modo tácito o comando a toda gente. Assim, oficiais incansáveis tomavam, por conta própria, as providências mais urgentes; (...). Pelo espírito de muitos passara o mesmo intento animador de um revide, um novo assalto logo ao despontar da manhã, (...). Era preciso vencer. Repugnava-os, humilhava-os angustiosamente aquela situação (...).”

A maioria porém considerava friamente as coisas. Não se iludia. Um rápido confronto entre a tropa que chegara horas antes, entusiasta e confiante na vitória, e a que ali estava, vencida, patenteava-lhe uma solução única – a retirada”.⁷⁵ Depois de reunirem-se, os oficiais levaram esta decisão ao comandante que agonizava. Moreira Cesar, surpreendido, não aceitou o alvitre, que definiu como covardia imensa. Porém, os oficiais mantiveram-na. Ordenou que se fizesse uma ata e nela lhe deixasse espaço

75 lb, p. 305.

76 lb, p. 306

77 lb, p. 307.

“para um protesto, em que incluiria o abandono da carreira militar. (...). Rodeavam a oficialidade, perfeitamente válidos ainda, centenas de soldados, oitocentos talvez; dispunham de dois terços das munições e estavam em posição dominante sobre o inimigo...”.⁷⁶ Contudo, o número de homens não se traduziam em força, suas mentes já estavam vencidas.

Explica Euclides da Cunha que a maioria da tropa era constituída de nordestinos, mestiços como o eram os conselheiristas. Os soldados vinham principalmente da Bahia, Sergipe e Alagoas. Cresceram ouvindo o nome de Antônio Conselheiro,

suas lendas, seus milagres, suas façanhas. E não havia milagre maior do que aquele que acabavam de viver. Não poderiam lutar contra o sobrenatural dominado pelo “santo” Conselheiro. Não existiam mais soldados

O inimigo, em baixo, no arraial invisível – rezava. Os soldados não poderiam lutar contra os que possuíam tanta fé

para a luta.

A noite transcorreu difícil. As sentinelas amedrontadas chegaram a dar o alarma. Ocorrera que “um rumor indefinível avassalara a nudez ambiente e subia pelas encostas. Não era, porém, um surdo tropear de assalto. Era pior. O inimigo, em baixo, no arraial invisível – rezava”.⁷⁷ Fora definitivo para os soldados; não poderiam lutar contra os que possuíam tanta fé. Deveriam afastar-se o mais rapidamente possível daquele arraial “sagrado” que haviam profanado.

Para completar os desditas, **pela madrugada, foi anunciada a morte de Moreira Cesar, o comandante invencível.**

A retirada

Uma retirada é uma operação militar organizada, sob ordens que fluem pela cadeia de comando. É uma necessidade. Pode ser revertida e muitas vezes na história tal fato ocorreu. O que aconteceu em Canudos não foi uma retirada, foi uma fuga, uma debandada que não pôde ser contida pelos oficiais. Os feridos foram abandonados, o corpo do comandante largado na estrada. Foi cada um por si.

Mas não foram todos. Um punhado de valentes, artilheiros e infantes, sob o comando do Capitão Salomão da Rocha e seus canhões, retardavam o inimigo. O seu número, contudo, diminuía, na medida em que seus subordinados eram mortalmente feridos.

O Coronel Tamarindo percebeu a situação. Tentou auxiliar aqueles bravos, “os únicos soldados que tinham ido a Canudos”.⁷⁸ Cavalgava da frente para a retaguarda e retornava à frente. Ordenava aos corneteiros os toques de “meia-volta, alto!” Que não eram obedecidos e pareciam acelerar a fuga”. Oficiais apontavam pistolas para os fugitivos, mas o medo que induzia os soldados a debandarem era maior do que o enfrentar um possível tiro.

Por fim, também Salomão da Rocha tomou junto com seus últimos e leais companheiros; caiu retalhado a foixadas, junto com os canhões que não abandonara.⁷⁹

Pouco depois a hora do Coronel Tamarindo que, redimido da abulia inicial,

morreu no comprimento do dever, como um militar digno, ao ser atingido por um tiro ao transpor a galope o Córrego do Angico. “O engenheiro militar Alfredo do Nascimento alcançou-o ainda com vida. (...) o velho comandante murmurou ao companheiro a última ordem: – Procure o Cunha Matos. Esta ordem dificilmente podia ser cumprida”,⁸⁰ escreve Euclides da Cunha, sem comentários, mas com ironia. Cunha Matos estava longe e afastando-se na vanguarda dos que debandavam. É o que se deduz do relatório que o próprio Cunha Matos incumbiu o Tenente Marcos Pradel de Azambuja de fazer. Transcrevê-lo-ei em

anexo na conclusão deste capítulo. Nele não existe literatura, romance, mas apenas a realidade sentida por um jovem e brioso oficial, numa linguagem direta, crua e apaixonada, mas que mostra, melhor que qualquer outro escrito, o que foi a debandada.

*

* *

Pouco mais será relatado. Apenas alguns pontos que mostram a dramaticidade que envolveu este episódio.

Enquanto a tropa fugia, os sertanejos recolhiam as armas e munições abandonadas. Um verdadeiro arsenal de armamento moderno, que equiparia os sertanejos para a próxima batalha que, ainda na perseguição dos expedicionários, tinham certeza viria acontecer. Porém recolhiam, igualmente, peças de uniformes, não para usá-las,

78 lb, p. 310.

79 lb, p. 311.

80 lb.

pois em razão das cores berrantes, azul e vermelha, eram desvestidas pelos soldados; o contraste com o pardo da caatinga tornavam-nos alvo fácil na fuga. “De sorte que a maior parte da tropa não se desarmara apenas diante do adversário. Despira-se...”⁸¹

“Concluídas as pesquisas nos arredores, e recolhidas as armas e munições de guerra, os jagunços reuniram os cadáveres que jaziam esparsos em vários pontos. Decapitaram-nos. Queimaram os corpos. Alinharam depois, nas duas bordas da estrada, as cabeças regularmente espaçadas, fronteando-se faces voltadas pelo caminho. Por cima, nos arbustos marginais mais altos, dependuraram os restos de fardas, calças e dolmãs multicores, selins, cinturões, quepes de listras rubras, capotes, mantas, cantis e mochilas... (...) (...). Um pormenor doloroso completou esta encenação cruel: a uma

banda avultava empalado, erguido num galho seco de angico, o corpo do Coronel Tamarindo.”⁸²

Este espetáculo macabro – crânios transformados em caveiras, trapos esgarçados – constituiu-se no cartão de visita para aqueles que compuseram a Quarta Expedição, que por ali passaria três meses mais tarde. Encontrava-se, ainda, “o espectro do velho comandante.”

Por fim, também Salomão da Rocha tombou retalhado a foçadas, junto com os canhões que não abandonara

*
* *

A comoção nacional, com epicentro na capital da República, e seus desdobramentos políticos foram descritos em capítulo anterior*. De resto só dizer que os homens do Conselheiro, em futuro próximo, seriam inimigos mais temíveis porquanto experientes de três combates, agora bem armados e cujo fanatismo atingira o paroxismo. O místico de tantos anos tornara-se um Deus vivo...

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO

<HISTÓRIA>/História do Brasil /; Política; Militares; Prudente de Moraes (Pres. Rep.); Guerra de Canudos; Antônio Conselheiro;

* NA.: *RMB.*, 3º trim. 2000, pág. 31.

81 *Ib.*, p. 312.

82 *Ib.*, p. 313.

Extratos do Relatório do Tenente Marcos Pradel de Azambuja

“Quarta bateria – Parte dada ao Sr. Major Cunha Matos:

“Queimadas, 15 de março de 1897.

Cumprindo o que me determinastes, por ordem verbal, transmitida pelo 1º Tenente Alfredo Teixeira Severo, passo a relatar-vos detalhadamente o que se deu nos dias 3 e 4 do corrente, relativamente ao combate, e retirada da força sob o comando do Coronel Moreira Cesar, e mais tarde sob o vosso, do lugar da Vila de Canudos:

Eu, ferido já, como muitos outros companheiros, lá me achava aguardando ocasião para ser medicado, o que muito difícil se tornava, devido ao local que ocupávamos (campo aberto), posição dominante sobre Canudos, e sem uma gota de água, desde uma hora da tarde, e além de tudo, terreno completamente varrido pelas balas inimigas, pois estávamos a uma distância deles, mais ou menos, de 400 metros.

Era nessa ocasião, então, comandante-geral das forças o Coronel Tamarindo, que continuou até o anoitecer, sustentando, com renhido fogo de artilharia e fuzilaria, as posições conluídas por seu digno antecessor, mandando finalmente nessa hora tocar retirada às forças e formar um quadrado em redor da barraca do Moreira Cesar.

A bateria de artilharia, ainda sob o comando do Capitão Salomão, trabalhou imensamente nesse combate; o que para provar, basta dizer que das doze horas da manhã às cinco da tarde, isto é, em cinco horas de combate, havia dado 300 tiros, mais ou menos, chegando o Capitão Salomão a mandar cessar fogo, por espaço de meia hora, pelo grande aquecimento em que se achavam os canhões, e por isso impossibilitado de funcionar.

Continuou depois o bombardeio sobre Canudos, cessando fogo à hora em que o Coronel Tamarindo mandou tocar retirada para as forças que compunham a brigada.

Depois disso o hospital de sangue foi transferido para mais longe, e durante quase toda a noite o pessoal válido, auxiliado valerosamente pelos oficiais que compunham o restante da coluna, ocupou-se no transporte de feridos, que durou até o amanhecer.

Pela manhã, ouvi dizer em rodas de oficiais que se tinha, durante a noite, combinado uma retirada para essa madrugada (dia 4), visto não se poder lutar mais, em consequência da falta de alimentos com que lutávamos.

Não fui consultado sobre esse ponto, e, como eu, muitos outros oficiais; o que posso, entretanto, adiantar, e isto não só por informações prestadas por oficiais de infantaria, como também pelo que vi na estrada, quando retirei, e que essa arma (infantaria) contava ainda na madrugada disse dia, com cinqüenta mil cartuchos, e um pessoal pronto que podia atingir facilmente ao número de um mil homens, aptos para combater, não contando a bateria de artilharia, que dispunha de quase todo o seu pessoal, inclusive munição para sessenta tiros, mais ou menos.

Às quatro horas da manhã, o Coronel Moreira Cesar falecia, e às sete desse mesmo dia, a brigada começou os trabalhos necessários para a retirada que tantos sacrifícios nos custou.

É difícil descrever o que então se deu. O pânico e o terror apoderaram-se de tal modo das nossas forças, que nem um único toque de ordem do Coronel Tamarindo foi atendido.

Uma única arma foi disciplinada e atenta às ordens do comando-em-chefe, essa arma foi a artilharia e não sou eu só quem o diz, são os próprios oficiais que compunham a brigada; tanto que tendo ela tomado a vanguarda da Coluna, a fim de colocar-se em posição vantajosa e conveniente para a marcha, foi, por ordem do Coronel Tamarindo, mandada retroceder e bombardeando "Canudos", a fim de fazer calar o fogo certo que nos faziam, proteger a retirada da Coluna, que era feita não em quadrado ou em atiradores, porém, em massa, e sem ordem alguma.

Foi esse então o momento em que mais se sentiu ferido o coração do verdadeiro soldado brasileiro, que sabe com dignidade e brio vergar nos ombros uma farda que jurara honrar e que jamais consentiria que fosse manchada com o labéu de covarde.

Com especialidade e como verdadeiros mártires do cumprimento do dever, eu coloco em separado, nesse sentido, algum pessoal de artilharia, e um punhado de soldados de infantaria, de todos os contingentes que compunham a Coluna Expedicionária.

Geralmente ouço dizer, depois dessa retirada, que a bateria de artilharia foi tomada pelos fanáticos de Antônio Conselheiro.

Não foi tal; não se deu semelhante absurdo, nem se podia dar, pois que, uma coluna que conta ainda com um pessoal pronto de um mil homens, e munição superior a cinquenta mil cartuchos, e de chefes que sabem cumprir perfeitamente o seu dever, não consente, de modo algum, que a arma que lhe serve de garantia na retirada seja tomada por um grupo de duzentos homens, mais ou menos, que avançam em acelerado, fazendo uma verdadeira caçada nessa massa de soldados que, também em acelerado, corre em completa debandada pela estrada que deve conduzir ao ponto de abrigo.

Trabalharam na artilharia desde oito horas da manhã desse dia o Capitão Salomão, Primeiro-Tenente Severo e Alferes Paula Freitas e um número de artilheiros inferior a dez praças, fora os condutores, e foi essa a força que ali deixei especificada, que protegeu e garantiu a retirada da Coluna que estava ainda sob as ordens do Coronel Tamarindo, e a qual não podéis ver, por isso que desde aquela hora da manhã, estáveis na vanguarda da Coluna, onde se achava a parte principal do batalhão que comandais.

Nessa hora então deveis ignorar tudo o que se deu, nada vistes, e o que se passou então vos vou relatar conforme me determinastes.

A retirada de grande número de feridos, que se achavam abandonados e sem recursos, e portanto, entregues ao inimigo, foi feita pelos alferes: do 7º batalhão de infantaria, Basílio Wildt, Simões, Mascarenhas, Leverácio, Cavalcante e brigada do mesmo batalhão; do 9º de infantaria, alferes Carvalho e Marinho; do 16º de infantaria, alferes Macambira, que a muito custo conseguiram, protegidos pela artilharia, colocá-los em redes, macas ou cavalos e fazê-los conduzir para a estrada.

A Coluna avançava sempre, e como sempre, deixava em sua retaguarda um número enorme de feridos que, fazendo prodígios de valor, e com os ferimentos sangrando, levantaram-se do chão, onde eram abandonados pelos soldados carregadores que aí os deixavam, procurando caminhar e escapar à morte horrível que os esperava.

Uma nota que convém a nós todos tornar bem patente nessa retirada inolvidável para aquela que a presenciaram "maior parte do pessoal que perdemos, quer de oficiais, quer de soldados, não foi morto em combate regular; foi cortado a facção pelos fanáticos de Antônio Conselheiro, porque, sem meios de retirada, achavam-se abandonados na estrada, pelos carregadores,

que os tinham retirado do hospital de sangue na manhã desse dia”.

Durante esse tempo os cornetas existentes na brigada tocaram, sem cessar, “Alto”, “Meia-Volta”, esses toques, apesar de repetidos milhares de vezes, nem um só foi atendido; e assim continuou, pois a retirada de nossas forças, e os que, como eu, ficaram, na retaguarda, lutando ainda pela vida e procurando o melhor meio de escapar da morte que nos esperava, se ali ficassemos, caminhávamos esperançados de que, como devia acontecer nos esperásseis no Rancho do Vigário ou Rosário, lugares, aquele distante de Canudos, de três léguas, e este, de seis, a fim de organizar uma pequena resistência, pois que éramos perseguidos por uns vinte homens, até que, chegando a esses lugares, fomos completamente desiludidos, porquanto já havíeis passado há muito tempo, deixando a força que ficava na retaguarda, sem comando e a qual com um chefe como podia ter, visto o número de oficiais que ainda existiam vivos, porém que se achavam na frente, e, naturalmente, convosco, pois que vínheis na vanguarda de todos, podia perfeitamente resistir a esse inimigo diminuto que nos perseguia e tanto mal nos fazia.

Pela estrada onde passei, e que foi a mesma por onde seguimos para Canudos, existe tanta munição e armamento que causava dó ver o poder para a guerra que a proporção que a força avançava, deixava nas mãos do inimigo.

Muito antes do Rancho do Vigário o Coronel Tamarindo foi atravessado por uma bala e, tendo caído do animal que montava, pedia à força que passava, que formassem um quadrado a fim de resistirem o inimigo e protegerem-se deste.

Esta porém não atendia e, sem comando, posso dizer, porquanto já estáveis próximo ao Rosário, avançava sempre, em completa debandada.

Alguns oficiais porém, e praças, debaixo do vivo fogo, conseguiram levantar o corpo do Coronel Tamarindo com vida e transportá-lo para um casa próxima, e que foi, poucos minutos depois, invadida pelos fanáticos de Antônio Conselheiro que, apossando-se do corpo do mesmo coronel, retalharam-no a facção como fizeram ao bravo Moreira Cesar, e aos infelizes companheiros que, com vida ou sem ela, foram ficando pela estrada.

Depois desse quadro horroroso, que presenciei de perto, assim como muitas outras coisas, e muitos outros companheiros, cujos nomes guardarei para mais tarde, porquanto eu muito pouco poderia durar, não só devido ao estado de fraqueza em que me achara, pelo muito sangue que havia perdido, devido ao ferimento que na véspera recebera, como também pela falta de alimentos que sofria há dois dias toda a brigada; esperei sempre que no Rosário, lugar próprio para a resistência, pelos recursos que no rio desse nome poderíamos encontrar, nos esperásseis, como comandante-em-chefe que éreis nessa ocasião, de todo o restante da coluna.

Aí, porém, como em todos os outros lugares por onde passávamos, Sereno Branco, Cajazeira, Aracê, Cumbe, Jibóia, Lajinha, Monte Santo, Quringuiquá e Cansanção, não vos encontramos, e, portanto, falta de recursos, sofrendo todos os martírios da fome e da sede, vendo a todos os momentos soldados nesses caminhos de joelhos, em conseqüências de ferimentos que haviam recebido; podeis, perfeitamente, sem ser necessário grande esforço de vossa imaginação, calcular os transeis por que passamos.

Em Monte Santo, onde tínhamos deixado nossas bagagens onde, como em Cumbe, existia grande quantidade de víveres para a coluna expedicionária, esperávamos vos encontrar, assim como alguns oficiais que conosco vieram.

Qual não foi, porém, a nossa decepção, quando nesse lugar, Cumbe, só encontramos casas abandonadas e saqueadas, as quais, em lugar de alento e consolação, só nos ofereciam desolação e descrença.

Nessa retirada, que tanto nos acabrunhou, perdemos o nosso digno e valente comandante, o Capitão Salomão.

Em Monte Santo, tivemos as mais falsas informações, pois que diziam todos os que lá haviam ficado, que a vanguarda da força, que sobrevivera a imensa catástrofe que pesa sobre nós, era a única força que escapara com vida, e que o restante da coluna, comandada do Coronel Moreira Cesar, havia sido sacrificada.

Aí, como adiante deixo dito, deixamos nossas bagagens e com elas as relíquias mais sagradas de nossas famílias, pois bem, todos esses objetos, porque só aos seus respectivos donos podiam trazer recordações foram completamente desrespeitadas uns e roubados outros.

Nosso fardamento também entrou nesse número, e eu vos posso perguntar quem fez todas essas depredações? Vós, que vistes na frente, talvez possais informar a respeito, a fim de que mais tarde possamos, quem sabe, descobrir o que perdemos, e que tanto apreciávamos e prezamos.

De Monte Santo continuamos nossa peregrinação para Queimadas; em Cansação soubemos não sei com quem, que estáveis nesse lugar, pois não nos vi-

mos quando passmos por uma hora dessa vila, como alguns a denominam.

Encontramos, entretanto, na porta de uma venda, o Capitão Sales e o Capitão Simões; fomos chamados por aquele, porém não atendemos a isso, continuando nosso caminho até uma casa, perto da povoação, onde descansamos até às duas horas da madrugada de 10 do corrente.

Aí já vínhamos a cavalo, pois desde Tapera, que a muito custo havíamos obtido dois animais que seguiam para Monte Santo e que nos foram cedidos por um soldado de cavalaria, visto o estado em que nos achávamos.

Nesse mesmo dia, às três ou quatro horas da tarde, chegamos a Queimadas onde encontramos com que matar a fome e a sede que há muito tempo sofríamos.

Eis aí, pois a parte que me pedistes. O que nela falta só se relaciona com os martírios que sofremos. Esses só a nos dizem respeito, e só por nós serão lembrados; *podeis esquecer de um momento para outro, assim como nos esquecesteis, o que vos acabo de recordar, certo de que todos os sofrimentos que experimentamos*, longe de enfraquecer o nosso ânimo de soldados, só conseguiram ainda mais gravar a fundo nos nossos corações, se é isso possível, a verdadeira compreensão que temos de nossos deveres de soldados defensores da República Verdadeira.

(a) *Marcos Pradel de Azambuja*".